

“Como aperfeiçoar a literatura infantil” (1943), de Lourenço Filho:

por uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil no Brasil
Estela Natalina Mantovani Bertoletti

Como citar: BERTOLETTI, E. N. M. “Como aperfeiçoar a literatura infantil” (1943), de Lourenço Filho: por uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil no Brasil. *In:* MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R. (org.). **Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 27-66. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-021-1.p27-66>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

1.

“Como aperfeiçoar a literatura infantil” (1943), de Lourenço Filho: por uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil no Brasil

Estela Natalina Mantovani Bertoletti

Introdução

“Como aperfeiçoar a literatura infantil”, de Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), publicado em 1943, pode ser considerado o primeiro estudo mais sistematizado sobre literatura infantil produzido no Brasil. Isso, não porque Lourenço Filho tenha organizado o conhecimento “esparso e disperso” sobre literatura infantil em circulação desde o final do século XIX, publicado, sobretudo, em prefácios, introduções e apresentações de livros para crianças (MAGNANI, 1998), mas sim, porque nesse texto, o autor esboçou uma história, formulou uma teoria e delineou uma crítica específica do gênero (BERTOLETTI, 2006), que não havia sido produzida até então, contribuindo para a produção de estudos específicos *sobre* literatura infantil.

Oriundo de uma palestra, proferida por seu autor em 25 de agosto de 1943, na Academia Brasileira de Letras (ABL), no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, a convite do Presidente da ABL, José

Carlos de Macedo Soares³, o texto foi publicado em setembro do mesmo ano, na *Revista Brasileira*⁴, e republicado em 1975, no *Boletim Informativo* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil⁵ (FNLIJ). Nesse espaço de tempo, as ideias desenvolvidas na palestra passaram a ser retomadas e referendadas em outros textos do autor, especialmente, no que podem ser consideradas versões do texto original, como: “Literatura infantil e juvenil”, de 1957, publicado como apêndice do livro *História da Literatura*, de José Marques da Cruz (1957); *Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais*, também de 1957, publicado na *Gazeta de São Paulo* (São Paulo)⁶; e, “La literatura em el Brasil”, de 1959, publicado na revista *La Educación* (Washington/DC). Essa circulação ao longo do tempo e a reiteração das ideias iniciais nas versões mencionadas, tornou-o referência acadêmica e profissional nos estudos que a ele se seguiram, em citações diretas, como em Arroyo (1968), Góes (1984), Lajolo e Zilberman (1984) e Perrotti (1986), e indiretas, nas referências esparsas em livros sobre a história da literatura infantil brasileira, além de exercer influência também sobre a produção *do* gênero no Brasil.

³ José Carlos de Macedo Soares nasceu em São Paulo/SP, em 1883, e faleceu na mesma cidade, em 1968. Foi eleito membro da ABL, para a Cadeira n. 12, em 1937, e foi presidente dessa instituição, em 1942 e 1943. Informação disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-carlos-de-macedo-soares/biografia>. Acesso em: ago. 2015.

⁴ A *Revista Brasileira* teve inúmeras fases de publicação e diferentes denominações e editores. A partir de 1941 passou a ser publicada pela ABL, sob a direção de Levi Carneiro. Mais informações podem ser consultadas em: <http://www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira>. Acesso em: ago. 2015.

⁵ O *Boletim Informativo* foi um periódico trimestral, com artigos, ensaios, resenhas de livros, publicado pela FNLIJ, de 1969 a 1984. Informação disponível em: <http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij/acoes/item/9-publica%C3%A7%C3%B5es.html>. Acesso em: ago. 2015.

⁶ Estudo sobre o *Anteprojeto de programa de literatura infantil nas escolas normais* pode ser vislumbrado em: Oliveira (2013).

Neste texto, tenho por objetivo compreender como Lourenço Filho organizou e desenvolveu suas ideias sobre literatura infantil no artigo em estudo e em que medida “Como aperfeiçoar a literatura infantil” contribuiu para a constituição de um campo específico desse gênero, a partir dos diálogos que estabeleceu com seus contemporâneos e das rupturas que propôs para fundar um modo de pensar e de produzir literatura infantil no Brasil. Para isso, analiso aspectos da configuração textual (MORTATTI, 2000) desse artigo, relativos à estrutura e forma do texto; aos leitores previstos; aos temas e conteúdos tratados, identificando os princípios que os norteiam; e à vida, atuação e formação de seu autor direta e indiretamente ligadas a essa produção. Tenho como proposição a compreensão das articulações da linguagem e suas “inter-ações” com outros elementos da configuração textual que envolvem o lugar histórico-social em que está inserida a produção do autor *sobre e de* literatura infantil e temas correlatos, e a hipótese de que movido por certas necessidades e propósitos, Lourenço Filho “funda uma tradição”⁷, tematizada e concretizada⁸ em sua produção *sobre e do* gênero⁹.

A organização do texto

A publicação do artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil” na *Revista Brasileira*, em 1943, ocupa 23 páginas, com texto

⁷ A ideia de “fundação de uma tradição” foi inspirada em Mortatti (2000).

⁸ Os termos “tematizações”, “concretizações” e “normatizações” e suas variações foram inspirados em Mortatti (2000) que os utilizou em relação à alfabetização.

⁹ As ideias apresentadas neste texto fazem parte da tese de doutorado defendida em 2006, junto a Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, na qual se analisou a produção *sobre e de* literatura infantil de Lourenço Filho. Aspectos do artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, também foram discutidos em Bertolotti (2003a; 2003b; 2006; 2012).

assinado pelo autor, logo após o título, e datado ao final. Está dividido em sete subtítulos enumerados por algarismos romanos, a saber: “I. Resumo histórico”; “II. A literatura no Brasil”; “III. Conceituação da ‘literatura infantil’”; “IV. Funções da literatura infantil”; “V. Modalidades da literatura infantil”; “VI. Situação da literatura infantil”; e, “VII. Como melhorar a situação atual”. Apresenta, ainda, seis notas de rodapé, sendo cinco delas bibliográficas e uma explicativa. Como se percebe pelos subtítulos, o conteúdo do texto pode ser subdividido em dois grupos: um, de caráter histórico, com objetivo de situar o problema e sugerir soluções (tópicos I, II, VI e VII); e, outro, de caráter mais teórico, com objetivo de delimitar a questão, para aperfeiçoamento da produção de literatura infantil, à época, permeado pelo delineamento de uma crítica específica à produção do gênero (tópicos III, IV e V).

Assim, o sugestivo título do texto traz um “diagnóstico” negativo e aponta para uma prescrição: como aperfeiçoar a incipiente produção de literatura infantil de sua época, num percurso argumentativo que vai do geral para o particular e do “teórico” para o “prático”. Nesse último caso, o autor também oferece sugestões, ensinando a escrever textos de literatura infantil, e indica os responsáveis e seus papéis no aperfeiçoamento da produção. Esse encaminhamento se dá porque está voltado primeiramente para o público que encomendou a palestra, os membros da ABL, “[...] instituição a que por destino natural e função verdadeira, cabe a defesa e o estímulo das boas letras no país, em todas as suas manifestações” (LOURENÇO FILHO, 1943, p.

165), e pontualmente a outros escritores que já escreviam ou pretendiam escrever literatura infantil.

Nesse sentido, Lourenço Filho enfatiza o papel do escritor e se dirige a ele de duas maneiras: uma, de modo prescritivo, ensinando-o a escrever literatura infantil, e outra, de modo indicativo, referindo-se a si próprio e ao processo de produção e repercussão de seus textos de literatura infantil e listando autores, de modo a nomear exemplos a serem seguidos e constituir um cânone literário do gênero.

A publicação póstuma do texto¹⁰ no *Boletim Informativo* na seção “Artigos e Opiniões”, mais de 30 anos depois da primeira, em 1975, não apresenta mudanças, além das ortográficas e da redução para 14 páginas, devido à diminuição do tamanho da fonte. Além disso, foi dividido em dois números, sendo o tópico I publicado no Boletim nº 30 e os demais, no Boletim nº 31.

O desenvolvimento das ideias e suas bases

Histórico da literatura infantil

Em “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, Lourenço Filho reconstituiu a história da literatura infantil universal, firmando a ideia de que esta nasceu na “tradição oral”, passando pelas traduções e adaptações de livros originalmente escritos para adultos, até a caracterização de uma literatura escrita intencionalmente para crianças.

¹⁰ Lourenço Filho nasceu no dia 10 de março de 1897, na então vila de Porto Ferreira/SP, e faleceu no dia 03 de agosto de 1971, na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

Composições que, hoje, reconhecemos como adequadas às primeiras idades, com narrativas mágicas, fábulas ou lendas, eram escritas para adultos, e só entre eles circulavam, a princípio, na forma escrita. É possível encontrar documentos desse gênero, entre papirus de muitos séculos anteriores a nossa era; fábulas sânscritas, como as de "*Panchatantra*" (Os cinco livros); as "*Fábulas de Esopo*", atribuídas a Planúdio, que viveu no V século antes de Cristo; o livro de "*Sinimba*" já do III século de nossa era; as lendas medievais de variada forma e sentido; o fabulário do ciclo da "raposa", já do X século; a "*Gesta romanorum*", datada de 1326; e, de outra parte, o "*Livro da Pérsia*", quase da mesma época; as "*Mil e uma noites*", que se presume sejam de um original do século XVI; enfim, os "*Contos de ma Mère Oye*", de Perrault, publicados pela primeira vez em 1697. Por outro lado, histórias de viagens maravilhosas, como "*A vida e a muito maravilhosa aventura de R. C. York*" de Daniel Defôe, publicada em 1726, e que depois se tornou mundialmente conhecida como "*Robinson Crusoe*", e "*As viagens de Gulliver*", quasi da mesma época, de Jonathan Swift (1667-1745), não foram originariamente compostas para crianças¹¹.

[...]

"*Les Contes de Feés*", de Madame D'Aulnoy, publicado no início do século XVIII, parece ter sido a primeira obra com esse caráter [...] (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 116-117, grifos do autor).

Do mesmo modo, reconstituiu o que considerou como as origens da literatura infantil brasileira, informando que o gênero *iniciou-se* em 1894, quando foi publicado o primeiro livro voltado à

¹¹ A partir de então essa ideia, com esses exemplos, é retomada nos estudos brasileiros *sobre* literatura infantil e juvenil, ou seja, tornou-se consensual afirmar que a literatura infantil *iniciou-se* da tradição oral e que livros, inicialmente escritos para adultos, como os listados na citação, foram incorporados ao cânone da literatura infantil.

leitura recreativa de crianças — *Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel —, *afirmou-se* com a coleção Biblioteca Infantil¹², com outras traduções e adaptações e com álbuns de gravuras, e *firmou-se*, a partir de 1921, com os primeiros livros para crianças com personagens brasileiros em ambientes brasileiros, como os de Monteiro Lobato, marcando a “[...] constituição de uma ‘literatura infantil’, perfeitamente caracterizada em nosso país” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 153, grifos do autor).

Embora esse “resumo histórico” não apresente as fontes em se baseou¹³, ele parece justificar-se, na medida em que os dados nele apresentados *determinam* a existência de uma literatura desenvolvida especificamente para crianças, como forma de garantir essa existência e também manutenção ao gênero, constituído “[...] por adaptação e arranjo de contos populares e de narrativas de viagens, a princípio, e, depois, por obras de ficção, intencionalmente escritas para crianças [...]” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 148). Em vista disso, por “Como aperfeiçoar a literatura infantil” ter sido produzido numa época incipiente de tematizações do gênero, conforme já destacado, o autor detém-se pormenorizadamente nessa reconstituição histórica, apresentando um esforço eminente em determinar e realçar a especificidade da literatura infantil, corroborado pela enumeração de autores e títulos de livros ingleses,

¹² A coleção Biblioteca Infantil teve início em 1915, pela editora Melhoramentos, e até 1925 esteve sob a responsabilidade do escritor e educador Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925). Com o falecimento deste, Lourenço Filho assumiu a organização da coleção até 1956, quando a coleção completou 100 títulos publicados. Estudo a respeito de *O patinho feio*, o primeiro título da coleção, pode ser encontrado em: Menin (1999).

¹³ Ao que tudo indica, viagens que Lourenço Filho fez ao exterior propiciaram ao autor um maior contato com a literatura infantil universal, podendo ter sido oriundo dessas viagens o contato com as fontes utilizadas, embora ele não as tenha explicitado.

norte-americanos, dinamarqueses, italianos, portugueses, alemães e brasileiros, e por uma problematização da oscilação inicial da literatura infantil, no Brasil e no mundo, entre livros de estudo, destinados às escolas, e livros compostos “[...] não com sentido informativo, ou puramente educacional, mas no sentido de ‘arte’, que pudesse ser apreciada pelo espírito infantil, e que, para sua formação, viesse a concorrer” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 149, grifo do autor).

Não tendo sido antecedido por outros estudos que traçassem o histórico da literatura infantil, a história traçada por Lourenço Filho, embora se pretenda um "resumo", apresenta-se, pois, como fonte valiosa de dados, passando a servir de referência aos estudos sobre o gênero que o sucederam e garante-se como "verdade inquestionável" e fonte segura da história da literatura infantil a partir de então¹⁴, uma vez que passou a ser retomada nos estudos brasileiros sobre literatura infantil, sem, no entanto, muitas vezes ser explicitada essa fonte.

¹⁴ Ao que tudo indica, os dados do texto “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, de 1943, foram ampliados somente em 1968, por Leonardo Arroyo, no livro *Literatura infantil brasileira – ensaio de preliminares para a história e as fontes da literatura infantil brasileira*, valendo-se, segundo esse autor, de sugestões de Lourenço Filho. Estudo rigoroso sobre esse livro de Leonardo Arroyo pode ser encontrado no prefácio da 3ª edição, produzido por Mortatti (2011) e sobre a obra desse autor, em: Assis (2016).

Teoria da literatura infantil

A literatura infantil como gênero

Embora no texto “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, Lourenço Filho busque situar a literatura infantil como “ramo específico” de letras, ao longo desse mesmo texto, o autor a considera como “gênero”, diferenciando-o em suas “modalidades”, e vincula-a, por isso, à pedagogia.

Enquanto gênero, a literatura infantil equivale, para o mesmo autor, à literatura (para adultos). As “modalidades”, no entanto, são, segundo Lourenço Filho, o que diferenciam e garantem a especificidade da literatura infantil em relação à literatura, pois levam em consideração as “idades infantis” e sua adequação a muitas opções constitutivas do livro para crianças, nos níveis temático, formal e gráfico, a saber:

- a) álbuns de gravuras, coordenadas por um só motivo, ou não, com reduzido texto, ou ainda sem texto, para crianças de 4 a 6 anos;
- b) contos de fadas e narrativas simples (fábulas, apólogos), para crianças de 6 a 8 anos;
- c) narrativas de mais longo entrecho, para crianças de 8 a 10 anos;
- d) histórias de viagens e aventuras, para crianças de 10 a 12 anos;
- e) além de biografias romanceadas, idem.

A esta classificação, que resume as modalidades da literatura infantil em prosa, poderá ser acrescido um item relativo a composições em verso, subdivido, por sua vez, em “coletâneas de pequenas composições” (geralmente pouco apreciadas pelas

crianças), e “narrativas em verso”, de fundo jocoso ou não (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 160-161, grifos do autor).

Sem se ater a critérios então usuais de classificação dos livros — conforme explicita o autor —, Lourenço Filho traça uma ordenação geral dos livros de literatura infantil, de modo a enquadrar a produção existente, com objetivo de satisfazer às necessidades de “ordem prática”, consciente do “valor aproximativo” que esse enquadramento resulta e estabelece um critério básico: o das “idades infantis” para essa ordenação. Assim, para ele, os aspectos constitutivos do livro são critérios relevantes aos livros infantis, desde que adequados à idade da criança¹⁵. Como se pode observar, o que regula essa ordenação são, num primeiro plano, concepções psicológicas e educacionais, em detrimento de concepções estéticas e literárias. Ao que tudo indica, essas, juntam-se ao critério básico, quando considerada a forma “mais ampla” determinada pelo autor: a de que cada modalidade em prosa deve se caracterizar por conter “histórias” ou “narrativas de cunho literário”:

“Uma história” com o necessário tratamento literário, difere da simples narrativa, por subordinar-se a um princípio de seleção e organização, que opera no sentido de lhe imprimir graça e força, com a utilização dos mais simples elementos, ou seja, numa palavra, de lhe imprimir “beleza”.

Uma narrativa, para efeitos de documentação, ou para divulgação técnica, deverá entrarem minúcias de cada ocor-

¹⁵ Como se pode verificar, até pouco tempo, esse critério serviu de base para classificação do gênero. Como exemplo da permanência do critério da idade cronológica e psicológica do leitor para classificação dos livros de literatura infantil e juvenil, basta observar a quarta capa de livros de literatura infantil publicados até os anos 1990. Mais recentemente, os catálogos de divulgação das editoras de livros desse gênero, organizam os livros não somente por “faixas de idades”, mas também por datas comemorativas ou temas transversais. A esse respeito, conferir: Bertolotti (2008a).

rência, seguir rigorosamente a ordem cronológica, explicar com clareza as causas e os efeitos prováveis; não poderá omitir certas relações particulares entre os fatos, nem eliminar incidentes, ao gosto do narrador.

Com a narrativa de cunho literário, outra deve ser a atitude do autor. Aqui os incidentes poderão ser escolhidos e reorganizados, segundo a intenção que tiver; incidentes de maior ou menor importância podem ser livremente eliminados; ao contrário, certos passos podem ser acrescidos de importância e engrandecidos em sua significação. O espírito do artista, à procura de efeitos de beleza, pode chegar a derrogar os princípios de causa e efeito, ou os de sucessão necessária dos acontecimentos.

O interesse, que desperta a história, assim preparada, não será mais a de seu conteúdo, mas a arte havida na organização de seus elementos, o modo de dispô-los, com harmonia e graça, os efeitos de sugestão que deles se possam tirar.

Se, de uma parte, o trecho se torna necessário, para atrair o espírito infantil, o seu valor como arte, e por isso mesmo, como efeito educativo, resultará não apenas do episódio, ou dos episódios descritos, mas, sim, de sua disposição, daquilo que poderíamos chamar de sua “plástica”.

É esse o segredo dos verdadeiros artistas, seja na arte literária, seja nas artes plásticas em geral, ou, ainda mesmo, nas do ritmo. É ele que comunica à obra o seu aspecto característico de um ambiente, de uma atmosfera, de um poder de sugestão infável (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 161-162).

Assim, embora Lourenço Filho considere que “A expressão ‘literatura infantil’ permite a compreensão lata de todo material de letras produzido para o uso de crianças” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 155, grifos do autor), o autor reconhece o que *não é*

literatura infantil, mediante explicitação de fontes nas quais se baseou, garantindo credibilidade ao conceito e aos textos.

[...] “Não se poderá negar, diz com razão Barth, que esta literatura está cheia de disparates e trivialidades. A tendência de fazê-la veículo de formação moral tornou-a, muitas vezes, insossa. Ao invés de deixar falar as coisas e os fatos, fala o autor em demasia. Ao invés da vida real, aparece, a méudo, a caricatura, em que se exageram os bons e os maus caracteres, com tipos extremados, nos dois sentidos — de modo que se recompensa excessivamente o bem e se castiga da mesma forma o mal. As “patriotadas” e os prejuízos de ordem sentimental abafam quase sempre todo sentimento normal e são. As narrativas são pouco artísticas, sem cuidado de minúcias, sem plasticidade intuitiva; não atraem pela forma, nem pelo interesse na matéria. E é esta, muitas vezes, tão mal conduzida, que tais livros se tornam prejudiciais, senão ao menos, inteiramente inúteis para a educação estética das crianças. A grande afeição pela leitura, que se desperta, naturalmente, aos dez anos de idade, estiola-se, por isso, sem maior fruto, como um peso morto que não chega a transformar-se em força criadora”.

Em face de tais resultados, pensadores como Storm, chegaram a dizer: “Se quiserdes vos dirigir às crianças não escrevei para crianças” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 149-150).

Outrossim, o conceito de literatura infantil vai-se firmando ao longo do texto, mediante definições que buscam:

- *comparar* a literatura (para adultos) com a literatura infantil, pois ambas são “expressão de arte” e devem: “oferecer evasão e sonho”, ser “objeto de contemplação estética”, levar a uma “atmosfera de sugestão que leve o leitor a criar”, servir de “deleite

para o espírito, evasão e recreação”; mas também *separá-las*, pois a literatura infantil é “gênero literário especialíssimo”;

- *diferenciar* a literatura infantil da literatura escolar ou didática, pois embora ambas tenham um “fim prático”, somente a primeira tem um sentido “criador positivo”;

- *determinar* a especificidade da literatura infantil pela criança que a “consume” e que apresenta “níveis gradativos de evolução”;

- *estabelecer* “funções” e “modalidades” da literatura infantil que assegurem a produção do gênero.

Lourenço Filho conceitua, portanto, literatura infantil como *arte*.

[...] O fim da ‘literatura’, para crianças ou adultos, somente poderá ser o da arte, ou seja, o de exprimir o belo. A ‘literatura infantil’, *pròpriamente dita*, será, pois, antes de tudo expressão de arte, ou já não será literatura (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 155-156, grifos do autor).

Por ser arte, segundo o autor, a literatura infantil tem como fim a expressão do belo, “[...] mas o belo das idades infantis”, tornando-se “[...] instrumento de profunda *ação educativa*” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 157, grifos nossos).

E não será esse, afinal, o apanágio de toda expressão de arte verdadeira?... Já assim o reconheciam os antigos. "Não é possível que, tomando de mira ao que é belo, não se alcance o que é bom", escrevia Platão, num de seus diálogos. Ao que, Cícero havia de acrescentar depois: “É privilégio do belo não

poder dissociar-se do bem”. *Decori e a vis est, ut ab honesto non possit separari* (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 157, grifos do autor).

Em outras palavras: a comunicação de emoção estética e desinteressada da literatura infantil, para o autor, ao mesmo tempo, deve ser útil e agradável, pois o gênero, segundo ele, tem um “fim prático”, revelando um sentido “criador positivo”.

Justamente por desinteressada, por não pretender senão fazer admirar o belo, a literatura infantil — arte que é — há de suscitar o bom gosto, o senso de medida, o desejo de superação; há de concorrer para o uso, crescentemente aprimorado, da linguagem, instrumento natural de comunicação e de expressão entre os homens, por si mesmo arte também; há de, enfim, cooperar, com as demais formas e processos de educação para a compreensão do pequenino mundo da criança, reflexo do mundo maior de coisas, ideias e sentimentos que a cerca (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 157-158).

Desse modo, o conceito de literatura infantil traçado por Lourenço Filho (1943) dissemina um ponto de vista que considera especialmente a criança que a “consome”, associando, por vezes de maneira ambígua, às concepções estéticas e literárias, concepções psicológicas e educacionais.

A essas concepções teóricas, o autor junta concepções de ordem mais “prática” e busca traçar também as características dos livros do gênero, a seguir resumidas: o livro de literatura infantil deve representar uma mensagem “sincera e digna”, ter unidade e harmonia, ter sentido sugestivo ou poético, adequar sua forma (estrutura, vocabulário e sintaxe) à idade da criança, valer-se tanto

de temas tradicionais, adaptados, como de temas novos e utilizar-se ou não do maravilhoso. (LOURENÇO FILHO, 1943).

Como se pode inferir, portanto, a literatura infantil, para Lourenço Filho, são os livros escritos para crianças que tanto servem para “deleite”/ “evasão” quanto para “sugestão”/ “recreação”. O primeiro está relacionado à essência da literatura infantil enquanto literatura e, por isso, arte, que visa a levar emoção estética à criança; a segunda, condiciona-se ao adjetivo “infantil”, devido ao fato de que a criança, ser em formação, precisar ter desenvolvido o seu “mundo interior” (LOURENÇO FILHO, 1943).

Esse conceito indica a “função formadora” da literatura infantil, segundo Lourenço Filho.

Sua função capital é a de sugerir o *belo*, dentro dos recursos da mentalidade da criança. Fazendo-o, sugere o bem; concorre para a formação do gosto artístico; coopera no equilíbrio emocional da criança; dá-lhe horas de sadio entretenimento e de liberação espiritual; faz amar o idioma nacional; desperta o gosto literário, estimulando a criação; e, mais generalizadamente, sem dúvida, pelo hábito que inculca da boa leitura, prepara o consumidor das belas letras no homem do futuro (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 160, grifos do autor).

Essa formação “mental, emocional e cultural” das crianças propiciada pela literatura infantil acima descrita e delimitada está baseada na psicologia¹⁶ e diz respeito às modificações internas do indivíduo propiciadas pela leitura.

¹⁶ Lourenço Filho é considerado pioneiro na psicologia no Brasil e seus estudos e experimentos iniciaram-se em 1925, em Piracicaba e foram expandidos e aprofundados no ano seguinte, na Escola

A criança “consumidora” da literatura infantil

O adjetivo “infantil” é bastante realçado no artigo, pois a criança, assumida do ponto de vista da psicologia, ocupa um lugar central no gênero, não somente determinando o destinatário dos livros, como também condicionando-o à “estética evolutiva” própria desse destinatário, segundo o autor.

Há uma “literatura” específica para as crianças, justamente porque estas a consomem; porquanto se torna possível levar-lhes a emoção estética, através das letras, nas condições naturais de seu gradativo desenvolvimento mental, emocional e cultural.

Não admiti-lo, seria negar a própria substância da coisa. E, admiti-lo, como parece necessário, será aceitar também a compreensão desses níveis gradativos da evolução infantil, para que possa haver, no caso, a desejada comunicabilidade do *belo*. A compreensão artística da literatura infantil demanda, portanto, a aceitação de uma estética “evolutiva”, ou genética, a ser estudada ou, ao menos, sentida pelos que escrevem para crianças. E como, também necessariamente, esse desenvolvimento estético se relaciona com a demais evolução psicológica da criança, e, em particular, com a de sua formação ética — tomado aqui o termo, no mais largo sentido, de ajustamento e integração da personalidade [...] (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 157, grifos do autor).

Assim, nesses textos, a criança não somente é considerada por “consumir” literatura infantil, mas também para ser estudada,

Normal, em São Paulo. Estudo a respeito da contribuição de Lourenço Filho para a história da psicologia no Brasil, pode ser visto em: Penna (1997).

conhecida e servir de parâmetro para os meios e os fins do gênero. Os meios, referem-se à expressão do *belo* da literatura infantil enquanto *arte*, e os fins referem-se à adequação desse *belo* às “idades infantis”, de modo a tornar-se *bom*.

Logo, o escritor de literatura infantil, ensina Lourenço Filho, além de ter preparação especial do ponto de vista literário, precisa conhecer os níveis de desenvolvimento infantil, assim como a psicologia da criança. Mais do que uma pessoa culta ou informada e capaz de imaginação, o escritor precisa sentir o mundo do espírito infantil, penetrar nele, comovendo e inspirando, para tornar-se “[...] o artista que todo e qualquer gênero reclama” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 163).

Desse modo, esse escritor deve adaptar aos diferentes níveis de desenvolvimento dos seus leitores, conteúdos, temas, ilustrações, forma e linguagem dos livros de literatura infantil, constituindo o que Lourenço Filho (1943) considera um “todo harmônico”, a serviço do *bom*.

Essa necessidade de associação entre o *belo* e o *bom*, parece relacionar-se à concepção romântica adotada por Lourenço Filho em relação à criança. A criança, para o autor, é a “linfa pura das fontes”, é densa de ingenuidade e de boa alma simples; tem na infância sua personalidade nascente e o preparo de seu estilo de vida; seu mundo é reflexo do “mundo maior das coisas”. Nessa perspectiva, em virtude de a criança estar ainda em evolução “mental, emocional e cultural”, a “emoção estética” do gênero dever adequar-se aos seus níveis de desenvolvimento, mediante “recursos e técnicas específicas”, uma vez que, para o autor, esse gênero serve para equilibrar ou desequilibrar a personalidade da criança, para

transformar os “complexos primitivos”, para harmonizar ou construir personalidades “retas”, pois a criança tem a personalidade “nascente” e é nessa fase da vida que, segundo ele, se prepara o “estilo de vida” do homem futuro.

Como se pôde verificar, Lourenço Filho considera a literatura infantil também como “instrumento de educação”, em vista disso, a relação desse gênero com a escola é amplamente explicitada, de duas maneiras: a literatura infantil encontra sua gênese ligada à escola e a escola é um lugar privilegiado para o trabalho com a literatura infantil.

De acordo com a primeira, o autor tem o cuidado de separar a literatura escolar ou didática da literatura infantil, uma vez que aquela é formada por “livros próprios para estudo”. Essa relação, no entanto, não é apresentada por Lourenço Filho como um problema a ser vencido, pois, para ele, a literatura infantil obteve sua expansão em virtude da “disseminação do ensino primário”, da organização de bibliotecas escolares e de estudos desenvolvidos por educadores. Além disso, ela pode também servir de veículo de “informação, conhecimento e ensinamentos”, apontando para a segunda maneira de como Lourenço Filho considera a relação entre literatura infantil e escola, na qual são os professores que “orientam a seleção das leituras” e, por isso, são, também, responsáveis pela expansão da literatura infantil, à época. Correspondendo aos objetivos da escola primária, a literatura infantil coopera, segundo o autor, com os processos de educação e para a compreensão do mundo da criança.

Princípios para uma crítica da literatura infantil brasileira

No artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, Lourenço Filho busca fazer o que pode ser considerado como princípios de uma crítica à produção de literatura infantil brasileira. Preocupado com o aumento quantitativo de livros para crianças em sua época, o autor traça as características do que considera a “terceira fase” do gênero no Brasil, iniciada em 1921, com a publicação de *Narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, seguido de numerosos trabalhos originais, de tradução e adaptação pelo mesmo escritor, além de livros infantis de Viriato Correia, Gustavo Barroso, Humberto de Campos e Oswaldo Orico, e um “sem número de outros autores”, e alcançando os últimos 20 anos, à época, de modo a sugerir medidas de aperfeiçoamento da produção de literatura infantil.

Essa fase, segundo o autor, marcou o “[...] estágio que se poderia dizer de constituição de uma 'literatura infantil', perfeitamente caracterizada em nosso país” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 153), determinada pela produção de livros originais, por maior abundância de produção, por maior qualificação dos autores e pela diferenciação da produção de livros para as “várias idades”.

[...] diferencia-se agora a produção para as várias idades, separando-se a literatura propriamente "infantil" da "juvenil"; e, ainda, dentro desta, as das idades de "pré-leitura", dominada pelos álbuns de gravura, hoje numerosos; a da idade escolar inicial, especialmente atendida pelos contos de fada; as de idade mais avançada, em que se admitem quer com o fim de mera recreação, quer com os de iniciação ao estudo literário, livros de gênero variados, como aventuras, narrativas de viagens, biografias romanceadas, romances históricos, e a adaptação de

grandes obras primas (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 153, grifos do autor).

Além disso, segundo Lourenço Filho, essa fase da produção brasileira de literatura infantil foi marcada pelo aperfeiçoamento do aspecto gráfico, que “[...] é também de grande importância no alcance educativo que cada obra pode exercer sobre a criança” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 164).

Como parte ativa dessa fase, Lourenço Filho — numa autopropaganda, de maneira indireta — destaca o importante papel exercido pela coleção Biblioteca Infantil e a intensa movimentação para disseminação e delimitação de uma literatura infantil perfeitamente desenvolvida “[...] em todo o mundo, e com rápido crescimento em nosso país” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 155) naquele período.

A respeito da coleção, que atraiu “[...] para o assunto [literatura infantil] a atenção de outros editores e autores” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 152), o autor pondera:

[...] Essa coleção de pequeninos livros de 40 a 60 páginas, cuidadosamente ilustrados, contendo traduções, ou visível adaptação de textos já traduzidos em Portugal, logra grande êxito e se constitui logo de mais de cinquenta volumes. A ela se deve, nessa fase, sem dúvida alguma, a expansão da literatura infantil no país, pois demonstrou, com os seus dois milhões de exemplares já editados, a pais e mestres, que um tipo especial de leitura deveria ser considerada para crianças (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 152).

Em relação à movimentação indicada, Lourenço Filho destaca a produção de pesquisas e estudos sobre literatura infantil, desde 1926, como a realização de inquérito sobre a leitura de jovens, feito por ele mesmo, naquele ano¹⁷, e por Cecília Meireles, em 1931¹⁸; a classificação de livros infantis, segundo a faixa etária, realizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1926, e a publicação de um trabalho de Armanda Álvaro Alberto, também em 1926, pela ABE; a divulgação de diversos estudos considerando o problema da literatura infantil, como o de Helena Antipoff, em 1929¹⁹, o de Irene Lustrosa, em 1934²⁰, e o de Elvira Nizinska da Silva, entre 1934 e 1936²¹. Destaca também a disseminação do ensino primário e a renovação dos processos de ensino; a criação e implantação, desde 1928, de bibliotecas infantis; e, a criação, em 1936, da Comissão Nacional de Literatura Infantil²², por iniciativa do Ministério da Educação e Saúde, cujo ministro era Gustavo Capanema.

Destaca, ainda, a ampliação dos esforços de autores e editores, graças à concorrência que se estabeleceu entre as editoras e um “[...] maior cuidado de preparação dos professores, que, de modo

¹⁷ Trata-se do estudo “Um inquérito sobre o que os moços lêem”, de Lourenço Filho, de 1927.

¹⁸ Segundo Lourenço Filho (1943), Cecília Meireles realizou um inquérito sobre literatura infantil nas escolas do Rio de Janeiro/DF.

¹⁹ Lourenço Filho refere-se ao estudo “Idéias e interesses das crianças de Belo Horizonte”, de Helena Antipoff. Nesse texto, a autora verificou que “[...] os autores preferidos pelas crianças eram, então Arnaldo de Oliveira Barreto, Figueiredo Pimentel, o autor da velha coletânea que começou a ser editada pela Livraria Quaresma, em 1894, e Monteiro Lobato” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 154).

²⁰ De acordo com Lourenço Filho (1943), o estudo de Irene Lustrosa foi semelhante ao de Helena Antipoff e foi publicado no volume de 1934, da *Revista do Ensino*, de Minas Gerais.

²¹ O estudo sobre literatura infantil coordenado por Elvira Nizinska da Silva a que Lourenço Filho se refere como “mais larga pesquisa” foi publicado no artigo “Problemas de literatura infantil”, em *O Jornal*, em 5 de abril de 1936.

²² Estudos sobre a Comissão Nacional de Literatura Infantil podem ser consultados em: Bertolotti (2006; 2008b; 2012); Pautasso (2010); Costa (2011).

sensível, orientam a seleção de leituras” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 165).

No entanto, ressalta que toda essa intensificação de iniciativas não conferiu “atestado de qualidade” à literatura infantil.

Pelo último levantamento das obras de literatura infantil, editadas no país, verifica-se que se encontram à venda, no ano de 1942, nada menos de 605 trabalhos, dos mais diversos gêneros e tipos.

Dessas, 434 representam traduções, adaptações e mesmo grosseiras imitações de autores estrangeiros, especialmente franceses e alemães (estes quase sempre através de traduções francesas) como se pode ver da produção até 1930; e daí por diante, da tradução de originais norte-americanos, não, porém, dos mais recomendáveis.

Dos autores europeus têm sido mais traduzidos ou adaptados, Perrault, D'Aulnoy, Cónego Schmid, Jordia, Júlio Verne, Rabier, Andersen, Grimm, Condessa de Ségur, Collodi.

Mesmo em relação a estes, cerca de metade das traduções feitas são de pobre linguagem, quando não inçadas de impropriedades e cochilos. As traduções de historietas americanas apresentam, quase sempre, deficiências mais graves[...]

Das 171 obras originais de autores brasileiros, cerca de metade são de medíocre qualidade, quer pela concepção e estrutura, quer também pela linguagem. Não mais da metade desses livros mereceria figurar em bibliotecas infantis, se devidamente apurados quanto à forma e ao fundo (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 163-164).

Desse modo, “delineia” princípios de uma crítica à produção de literatura infantil da época, demonstrando uma preocupação não somente estética, mas também de “[...] adequação educativa das obras de literatura destinadas às crianças brasileiras” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 165). Em outras palavras: esse posicionamento de Lourenço Filho não somente busca “incremento” e “defesa” da produção de literatura infantil, como denomina o autor, mas também busca o que considera como “brasilianismo”, porque, para o autor, a elevação do nível artístico da literatura infantil é, ao mesmo tempo, elevação do alcance educativo.

Essa crítica se aproxima, portanto, de prescrições para alavancar o gênero, uma vez que é pautada em “[...] medidas sistemáticas tendentes à sua elevação, ou ‘significação social’”, devido à necessidade de “[...] mais precisa conceituação do gênero especialíssimo, que é a literatura infantil” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 165, grifos do autor).

Tais medidas sugeridas por Lourenço Filho consistiam no estudo da literatura infantil e no incentivo a sua produção com: medidas de esclarecimento social, medidas de estímulo aos autores nacionais, aos editores e aos ilustradores e “medidas de estímulo, em geral”. Elas podem ser assim resumidas: patrocínio a conferências nacionais sobre literatura infantil, divulgadas em folhetos; criação de biblioteca para documentação e estudos sobre o assunto; encorajamento, mediante atribuição de prêmios, a autores nacionais, para estudar, traduzir e produzir literatura infantil; aquisição de boa quantidade de obras, pela Academia, para estímulo às editoras; atribuição de prêmios a editores e ilustradores; e patrocínio a exposições do gênero, no país.

Lourenço Filho e a produção de “Como aperfeiçoar a literatura infantil”

Em 1943, residindo no Rio de Janeiro²³, Lourenço Filho já era bastante conhecido e respeitado no âmbito da literatura infantil²⁴ devido, sobretudo: à produção de textos sobre assuntos correlatos ao gênero, como livros e leitura, a partir de 1920²⁵; por ter sido autor premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1927²⁶; à condição de membro da Academia Paulista de Letras, desde 1929²⁷; à função de organizador da coleção Biblioteca Infantil, revisando textos e orientando autores/adaptadores de literatura infantil, e de consultor editorial da Companhia Melhoramentos de São Paulo emitindo pareceres a textos do gênero, elaborando prefácios e organizando

²³ Da vila de Porto Ferreira, onde nasceu, Lourenço Filho passou a residir, a partir de 1913, em Pirassununga/SP, onde recebeu no ano seguinte o diploma de normalista, na Escola Normal Primária de Pirassununga; em 1915, retornou a Porto Ferreira e passou a exercer o magistério no grupo escolar que havia sido criado; em 1916, mudou-se para a cidade de São Paulo/SP, para cursar a escola normal secundária na Escola Normal de São Paulo; em 1922 foi para Fortaleza/CE, reorganizar o ensino público do estado, onde permaneceu até dezembro de 1923; em 1924 voltou a residir em Piracicaba, onde passou a desenvolver estudos em Psicologia, aprofundados e expandidos em 1925, quando voltou a residir em São Paulo, onde se formou bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1929, na Faculdade de Direito, e foi Diretor-Geral da Instrução Pública, em 1930; e em 1932 passou a residir na cidade do Rio de Janeiro/DF onde permaneceu até falecer. Ao longo do tempo em que viveu no Rio de Janeiro, organizou o Instituto de Educação do Distrito Federal, tendo dirigido até 1937 e sido professor até 1938 desse Instituto; em 1939 foi transferido para a Universidade do Brasil; de 1938 a 1943 organizou e dirigiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), nele fundando, em 1944, a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*; em 1946, passou a ser professor na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, onde permaneceu até se aposentar, em 1956.

²⁴ À época, Lourenço Filho já havia alcançado prestígio e respeito em outras áreas da educação, sobretudo, pela abundância de escritos e publicações, de cursos e palestras ministradas no Brasil e no exterior. A respeito da vida e obra de Lourenço Filho, conferir, sobretudo: Monarcha e Lourenço Filho (2001).

²⁵ Refiro-me especialmente aos textos: “O que a criança lê”, de 1920; “Um inquérito sobre o que os moços lêem” de 1927; “O problema do livro nacional”, de 1938; e, “O cinema e a literatura na educação da criança”, de 1939.

²⁶ Lourenço Filho recebeu o prêmio *Ensaio* pela publicação, em 1926, de seu primeiro livro, *Joseiro do Pe. Cícero*, registro de sua experiência como Diretor da Instrução no estado do Ceará, entre 1922 e 1923.

²⁷ O autor ocupou a cadeira nº 32, em substituição a Ezequiel de Paula Ramos (1846-1905).

coleções, a partir de 1925; à atuação como presidente da Comissão Nacional de Literatura Infantil, em 1936 e 1937²⁸; e ao fato de ser escritor também de literatura infantil, com os quatro primeiros números da Série Histórias do Tio Damião publicados, em 1942 e 1943²⁹.

Ao que tudo indica, portanto, o convite para a palestra registrada por escrito no artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil” é resultado de inúmeras atuações desse intelectual, diretamente relacionadas ao gênero ou a ele correlatas. Assim como, a crítica literária que exerceu, em 1915 e 1916, parece ter despertado o olhar de Lourenço Filho — que também produzia artigos literários no mesmo período³⁰ — para o processo de criação literária, oportunizando ao escritor a formulação de uma concepção de literatura, depois sistematizada e também concretizada não somente no artigo em exame, como em toda sua produção *sobre e de* literatura infantil.

A opção pelo magistério, a partir de 1920, possibilitada por sua formação na escola normal primária, em 1914, e pela escola

²⁸ “A Comissão Nacional de Literatura Infantil era órgão normatizador, ligado ao Ministério da Educação e Saúde, com objetivo de organizar, delimitar e selecionar a literatura infantil produzida à época, em nosso país” (BERTOLETTI, 2012, p. 22).

²⁹ A Série Histórias do Tio Damião foi composta por 12 livros. Refiro-me aos quatro primeiros: *Totó e Baianinha*, ambos com primeira edição em 1942, *Papagaio Real e Tão pequenino...*, ambos com primeira edição em 1943. Além deles, compuseram a Série: *Saci-Pererê e O índiozinho*, ambos com primeira edição em 1944; *A irmã do índiozinho, A Gauchita, A formiguinha e No circo*, todos com primeira edição em 1946; *Maria do Céu e E eu, também*, ambos com primeira edição em 1951. Estudos a respeito dessa série de Lourenço Filho, encontram-se em: Mortatti (2001a), Bertoletti (2012) e Bertoletti e Mortatti (2018).

³⁰ Refiro-me aos ensaios de crítica literária: “Impressionismo nas Letras”, de 1915, “Chronica (sobre estilo de Fialho de Almeida)” e “Chronica (sobre estilo de Euclides da Cunha), ambos de 1916; e aos seguintes contos e crônicas: “Suicida (das cartas de Noel Felix)” e “Contos de Serão”, ambos de 1915, e “Clarita (notas para um conto)”, “De Pierrete”, “O Bock (notas para um conto)”, “Cartas de amor”, “Presente de anos” e “Chronica vadia”, todos de 1916.

normal secundária, em 1917, no entanto, apontou novas possibilidades a Lourenço Filho que se empenhou no movimento da Escola Nova brasileira, visando à reforma da educação escolar — superando as formas tradicionais de ensino — como forma de operar mudanças essenciais na sociedade, então em processo de “modernização”. A função de consultor editorial e de revisor, orientador, organizador e prefaciador, mencionada, junto à Companhia Melhoramentos de São Paulo, e a produção de inúmeros escritos, ao que tudo indica, delimitou essas possibilidades, no sentido de lhe permitir utilizar-se do “impresso como arma” (CARVALHO, 2002) e de pensar mais pontualmente a educação renovada por meio da disseminação da leitura como instrumento de alcance da cultura e de combate ao analfabetismo, para formação do cidadão, das elites dirigentes e de mão de obra especializada. Os estudos em psicologia e o conhecimento da criança, propiciado por essa “ciência fonte da educação”, apontou, a meu ver, na obra do escritor para a questão da literatura infantil.

Em vista disso, Lourenço Filho assumiu um papel de “vanguarda” como tematizador do gênero, articuladamente às urgências educacionais e culturais de âmbito nacional da época, em relação à disseminação da leitura, por meio da escola pública, e de uma postura entusiasmada frente a traços de brasilidade. Assim, o reconhecimento e respeito adquiridos se acentuam e se ratificam nos textos *sobre* literatura infantil a partir de então, à época de circulação e ainda hoje, em relação ao texto “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, uma vez que Lourenço Filho assumiu a literatura infantil como “instrumento de educação”, inserindo-a num projeto maior de educação. Para isso, considerava a literatura infantil como *arte*,

revelando conhecimentos sobre literatura infantil e sua história, mas acabou por restringir essa *arte* a um “fim prático”. Esses conhecimentos podem ser averiguados não somente nos aspectos teóricos difundidos no artigo em análise e nos aspectos históricos, que *determinam* a existência do gênero em âmbito universal e nacional, mas também nos termos e conceitos avançados para a época em que foram publicados, utilizados pelo autor para o tratamento da matéria, como “produção”; “consumação”; “literatura juvenil”; “trivialidades” etc.

Além disso, à época, Lourenço Filho era considerado “escritor” de literatura infantil, sobretudo pela Academia Brasileira de Letras, pelas editoras e pelos escritores, graças à produção mencionada. Em vista disso, o esforço empreendido por esse autor em tematizar o gênero em sua produção à época, propiciou-lhe a oportunidade de sistematizar, no que se refere à constituição da literatura infantil como objeto de estudo, a literatura infantil brasileira, num discurso de autoridade, e, não somente ser reconhecido, mas também autointitular-se como “especialista” que “[...] uma já longa experiência do assunto e a observação dos fatos, no país e no estrangeiro permitem apontar” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 165-166).

Essa “especialização”, ainda, pode ser compreendida pela permanência, ao longo do tempo de publicação de outros textos seus *sobre* literatura infantil, com os mesmos fundamentos teóricos do artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, geralmente retomados e ratificados e, poucas vezes atualizados e retificados. Em outras palavras: poucas foram as mudanças ocorridas na tematização do gênero feita por Lourenço Filho nos textos *sobre* literatura

infantil, desde a publicação do artigo em estudo, transmitindo uma certa credibilidade e, como já dito, “especialização na matéria” a esse autor.

Essa credibilidade se explica também pela fundamentação em pressupostos teóricos de “autoridades” nacionais e internacionais do assunto, “antigos” ou “novos”, como quer o próprio autor, mencionados no artigo: Platão, Cícero, Aristóteles, De Bonald, Taine, Brunnetière, Mendes dos Remédios, Paul Barth, Storm, Marcel Proust e Anatole France. Assim, Lourenço Filho imprimiu rigor, cientificidade e erudição ao artigo *sobre* literatura infantil, contribuindo significativamente para elevar a literatura infantil a gênero e campo de conhecimento específicos e, ao mesmo tempo, incentivar o aperfeiçoamento da produção do gênero, aproximando-o da literatura (para adultos).

Quer-nos parecer, no entanto, que esteja a faltar entre nós mais precisa conceituação do *gênero literário especialíssimo*, que é a literatura infantil; e, para sermos francos, tem-nos faltado medidas sistemáticas tendentes à sua elevação, ou “significação social”, digamos assim, e que encorajem maior número de autores de alta qualificação a juntar-se aos que, do mesmo valor, de modo continuado ou acidentalmente, tenham já dedicado a necessária atenção ao assunto (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 165, grifos nossos).

Esse incentivo ao aperfeiçoamento da produção se guiava pela tônica de acusação da má qualidade dos textos, pelo apontamento dos avanços, pela indicação de nomes de “bons” autores de literatura infantil e por sugestão de medidas de melhoria. Desse modo, Lourenço Filho contribuía para formar a opinião de

escritores, editores, acadêmicos, ilustradores, pais, professores e público infantil quanto ao problema e sua solução, contribuindo, ainda, para a ampla divulgação do gênero não somente para os especialistas e interessados, conforme apontado, mas para o mercado editorial, do qual fazia parte.

Assim, de modo amplo, ao adotar uma racionalidade para abordagem do objeto, Lourenço Filho conferiu um estatuto acadêmico-científico aos estudos *sobre* literatura infantil. Para tanto, esse autor explicita sua maturidade etária e profissional quando ele próprio se propôs a escrever para crianças e acentua a fundamentação de seus livros para crianças em estudos de psicologia e educação, como exemplo a ser seguido, criando um “padrão” de texto literário destinado à criança.

Em suma, o artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil” apresentado como “simples sugestão” ou “singelo relatório”, de quem vai apenas “dizer alguma coisa” sobre literatura infantil, pelo estilo prescritivo, normativo e doutrinário na apresentação de seu conteúdo, oferece medidas sistemáticas, pautadas em discussões amplamente fundamentadas e em argumentações cerradas, “ensina” a produzir e a criticar literatura infantil, busca interlocução com os “entendidos” e com os interessados no assunto, configurando-se em texto de referência para a produção e tematização do gênero, até os dias atuais.

Diálogos e Rupturas de “Como aperfeiçoar a literatura infantil”: à guisa de conclusão

Conforme já destacado, “Como aperfeiçoar a literatura infantil” configura-se como pioneiro na tematização do gênero, uma vez que vem contribuir para a produção de estudos específicos *sobre* literatura infantil, até então, de acordo com Mortatti (2001b), geralmente encontrados em formato de prefácios de livros e artigos em periódicos e versando sobre livros para crianças, especialmente, para leitura escolar³¹.

O pioneirismo consiste, principalmente, no tratamento mais sistematizado dado à literatura infantil, uma vez que Lourenço Filho esboça uma história, formula um teoria e expõe princípios para uma crítica específica do gênero, conforme destacado. Por meio desse tipo de tratamento, Lourenço Filho organiza dados e os problematiza, a fim de apresentar um balanço da produção *de* literatura infantil, determinar e realçar a especificidade do gênero, contribuir para o “aperfeiçoamento da produção e [...] oferecer sugestões para seu mais demorado estudo” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 169).

Como se pode constatar, até a década de 1970, os estudos *sobre* literatura infantil apresentam essas mesmas preocupações e, por vezes, reiteram muitos dos dados organizados por Lourenço Filho no texto “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, especialmente os dados históricos.

³¹ Referências completas da produção sobre literatura infantil brasileira, desde 1879 – ano da primeira tematização localizada –, podem ser consultadas no acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (GPHELLB), localizado na FFC-Unesp-Marília.

A incipiente produção *de* literatura infantil e juvenil — com crescente aumento quantitativo, mas não qualitativo — e a escassa produção *sobre* o gênero, à época da produção do artigo foram duas grandes motivações para sua tematização pioneira, não foram, entretanto, as motivações primeiras, como busquei demonstrar.

A correlação entre o pensamento do escritor, do educador e do psicólogo na formação e atuação de Lourenço Filho e, ainda, a importância que aspectos da educação escolar renovada tiveram em sua vida e obra, permitem a constatação do modo ambíguo, mas não incoerente, que Lourenço Filho empregou na tematização da literatura infantil. Concepções estéticas e literárias combinaram-se a concepções educacionais e psicológicas, uma vez que a literatura infantil tematizada por esse intelectual faz parte de um projeto maior de educação.

Partindo do pressuposto de que a criança tem necessidade inerente de “formação”, no que diz respeito a seu “mundo interior” e de que a leitura exerce uma “ação cultural”, influenciando a formação de valores “lógicos, sociais e morais”, a literatura infantil, para Lourenço Filho, é instrumento de ação “educativa”. Essa ação, de acordo com o autor, é uma questão de “brasilianismo”, ou seja, de progresso social.

A “formação” propiciada pela leitura de literatura infantil, ao seu “consumidor” se fazia necessária, porque, segundo Lourenço Filho, a criança tem a “personalidade nascente” e é na infância que se prepara o “homem futuro” e o consumidor das “boas letras”. Desse modo, a literatura infantil tanto “equilibra” quanto desequilibra a personalidade da criança que, mais alcança o

equilíbrio quanto mais elevado for o “nível artístico” da literatura infantil.

Desse modo, o *belo* está a serviço do *bom*. Em outras palavras, a qualidade literária do gênero correspondia à qualidade educativa propiciada, estando a estética a serviço de razões externas a ela, para agir sobre a criança leitora. O “nível artístico” encontra seu eixo no destinatário, mais como um “discurso utilitário” (PERROTTI, 1986), conforme análises posteriores às de Lourenço Filho.

Esse parece ser o papel a ser desempenhado pela literatura infantil tematizada em “Como aperfeiçoar a literatura infantil”. Embora a “função capital” da literatura infantil seja a de sugerir o *belo*, este deve girar em torno dos “recursos da mentalidade da criança”. Como se pode perceber, a criança é vista pela ótica da psicologia e, Lourenço Filho não apenas “ensina” como essas crianças “devem ser”, nem apenas aponta o que o adulto deve saber sobre elas, mas também contempla a criança e sua “estética evolutiva”, com níveis de desenvolvimento e diferenciado de acordo com as “várias idades”.

Como se pode perceber, em relação ao que foi exposto, literatura infantil, segundo esse autor, são os livros escritos para crianças que têm como função primacial servir para “deleite do espírito” e “evasão” e, por isso, são fontes de “sugestão” e de “recreação”. Sugestão e recreação remetem àquele “modo ambíguo” utilizado por Lourenço Filho: o “fim prático” e “criador positivo” da “arte”. A ambiguidade, assim, está diretamente relacionada com a intersecção de concepções educacionais e psicológicas que

norteavam a produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil, articuladas a concepções estéticas e literárias.

Em vista disso, as concepções estéticas e literárias de composição e organização das narrativas do gênero também se encontram em função da “adequação educativa”, proposta no artigo. Harmonia, graça, sugestão e naturalidade são algumas das características do livro de literatura infantil conseguidas, de acordo com Lourenço Filho, por meio: da adequação dos livros aos “interesses naturais” (temas e apresentação dos temas), à linguagem, à estrutura própria das “idades infantis”; da utilização de poucos personagens, diálogos, notas descritivas, pequenas digressões, ação direta, narrativas movimentadas, surpresa, humor; da capacidade de “ligar” o real ao imaginário; da conciliação aos interesses das editoras. As concepções estéticas e literárias do autor se apresentam combinadas em diferentes critérios, ora formais, ora conteudísticos, ora editoriais, talvez dada a incipiente teorização à época.

Esses conceitos encontram-se relacionados à ligação de Lourenço Filho a um projeto de educação, mantido e sustentado, especialmente, pelos princípios que respondiam às urgências educacionais e culturais das décadas de 1920 e 1930.

A partir da década de 1940, esses princípios tornam-se hegemônicos e Lourenço Filho reafirma seu papel, pois tanto sua atuação quanto sua produção escrita crescem e se acentuam a partir dessa década, contemplando aspectos da educação escolar até então esquecidos ou relegados a um segundo plano, como a leitura e a literatura infantil. Para citar alguns exemplos da produção escrita desse autor que buscam *afirmar* e *firmar* os princípios das décadas de 1920 e 1930, posso destacar o papel de síntese e de sistematização

de informações desempenhado por *Introdução ao estudo da escola nova* (1930); de sistematização teórico-prática, baseado na psicologia e em relação à alfabetização, desempenhado por *Testes ABC* (1934); de sistematização pioneira em relação à literatura infantil, desempenhado por “Como aperfeiçoar a literatura infantil” (1943); de concretização da leitura escolar desempenhado por *Cartilha do povo* (1928) e pela Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1957); e de concretização da literatura infantil desempenhado por *Histórias do Tio Damião* (1942-1951).

Nesses exemplos, conforme afirmei, as primeiras ideias sobre educação sistematizadas pelo educador em seus primeiros escritos, foram constantemente retomadas por ele e, em geral, permaneceram sendo reiteradas na produção que se seguiu, mantendo uma coerência com os primeiros textos produzidos.

Ao manter os princípios que serviram às aspirações das décadas de 1920 e 1930 em toda sua obra e, no caso específico de que trata este texto, em “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, Lourenço Filho propôs ideais “modernos” em sua época e contribuiu para a permanência desses ideais ao longo do tempo, muitos dos quais, certamente, por serem “impermeáveis” ao tempo, tornaram-se “tradicionais” aos olhos do presente.

Ainda quanto à permanência desse pensamento e práticas, é no período denominado Estado Novo (1930-1945), que Lourenço Filho se manteve atuante, mantendo também vivos seus ideais iniciais. A esse propósito, no artigo em questão, Lourenço Filho buscou preencher a falta de estudos e pesquisas *sobre* o gênero, baseando-se nos estudos que desenvolvera até então em relação à

educação e à psicologia e também em sua experiência literária e editorial.

A influência alcançada por esse artigo extrapolou sua época, o que mais uma vez pode ser explicado pela atuação estratégica de Lourenço Filho e também pela ausência de uma história, teoria e crítica específicas de literatura infantil, além do caráter pioneiro, fecundo e original de “Como aperfeiçoar a literatura infantil”.

Referências

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ASSIS, Vivianny Bessão. *A contribuição de Leonardo Arroyo (1918-1985) para a história da literatura infantil brasileira*. 2016. 299f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Como aperfeiçoar a literatura infantil, segundo Lourenço Filho. *Revista Inter Ação*, v. 2, p. 50-69, 2003a.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *A literatura infantil, segundo M. B. Lourenço Filho*. In: 14º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 2003. Campinas. Que tristes são as coisas consideradas sem ênfase. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2003 b.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968): fundação de uma tradição*. 2006. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Mediação da leitura para formação do gosto: o papel do mercado editorial*. In: SIMELP, 2008. São Paulo. Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa. São Paulo: SP: Universidade de São Paulo, 2008a.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. As contribuições da Comissão Nacional de Literatura Infantil (1936-1937) para a produção de uma teoria do gênero. In: ARAUJO, Doracina Aparecida de Castro (Org.). *Pesquisa em Educação: inclusão, história e política*. Campo Grande: UCDB, 2008b. p. 67-82.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Histórias do Tio Damião (1942-1951), by Lourenço Filho: an interpretation of Brazil through children's literature. *History of Education & Childrens Literature*. Macerata: Edizioni Universita Macerata, v. XIII, n. 2, p. 65-85, 2018.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR., Moysés (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 373- 408

COSTA, Aline Santos. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infante-juvenil no Governo Vargas (1936 – 1938)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

CRUZ, Joaquim Marques da. *História da literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p.146-169, 1943.

MAGNANI, Maria do Rosario Mortatti. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea* (FCL-UNESP-Assis). v. 3, p. 247-257, 1998.

MENIN, Ana Maria dos Santos. *O Patinho Feio de H.C. Andersen: o “abrasileiramento” de um conto para crianças*. 1999. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras. Univesidade Estadual Paulista, 1999.

MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.) *Por Lourenço Filho: uma bibliografia*. Brasília/DF: Inep/MEC, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo (1876/1994). Brasília/DF: MEC/INEP/CONPED: Ed. UNESP, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Produção didática e de literatura infantil. In: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.) *Por Lourenço Filho: uma bibliografia*. Brasília/DF: Inep/MEC, 2001a. p. 127-134.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Itinerários*, Araraquara, v. 17/18, p. 179-187, 2001b.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Prefácio à terceira edição. In: ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3 Ed. Rev. e ampliada. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. *As prescrições de Lourenço Filho, na década de 1950, para o ensino da literatura infantil nos cursos normais paulistas*. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação: circuitos e fronteiras da História da Educação no Brasil, 2013, Cuiabá. *Anais*. Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá, MT: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013.

PAUTASSO, Andrea Milán Vasques. *A Comissão de Literatura Infantil do Ministério de Educação e Saúde Pública do Brasil nos anos de 1936 e 1938*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

PENNA, Antonio Gomes. Lourenço Filho e a história da psicologia no Brasil. *In*: MONARCHA, C. (Org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas: Mercado de Letras; Marília: Curso de Pós-Graduação em Educação-FFC-Unesp, 1997, p. 13-26.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Editora Icone, 1986.

